

A Amor da Perdição

PERSONAGENS

D. RITA BOTELHO

DOMINGOS BOTELHO

SIMÃO BOTELHO

MANUEL BOTELHO

RITINHA BOTELHO

PRIMAS

TERESA DE ALBUQUERQUE

TADEU DE ALBUQUERQUE

BALTASAR COUTINHO

ESTUDANTES

VERDEAIS

MENDIGA

ARRIEIRO

MESTRE JOÃO

MARIANA

CARCEREIRO

MEIRINHO

SENHORAS

LITEIREIROS

JOAQUINA

CRIADOS

JUIZ DE FORA

PRISIONEIRO

ANTÓNIO DA VEIGA

IRMÃS

CONSTANÇA

TIA

CAPELÃO

PASSAGEIRO

MÉDICO

PRÓLOGO

Que apareça a baixo DOMINGOS, arrastando malas consigo, ofegante

DOMINGOS

Pelo menos aqui, ventania de Viseu alevanta
Os primos dela que ma invejam, e a ver
Só terei aqui pazes, por quanto Vila Real
Me deu desprazeres. Aí vem ela, com a luneta
(Pois tanto é o nojo de gente menor, que criada
Minha Mulher Dama de Rainha, até de longe
Desdenha a sua criação), e os olha para baixo
Ofendendo d'alguma maneira menos, óculo
Fazendo-os grandes, que pois dentro dela
Vão iguais.

Entra D. RITA, aos repicares dos sinos da terra, com o queixo levantado

D. RITA

(Com a luneta de um lado para o outro, à plateia)

Oh! Ratazanas e tremoços, já não espanta
Mas credos Domingos, meu deuses onde nós estamos.
Mas vá, pior que Queluz e Mafra pensei que não havia
E foi vila real, que do século da Virgem Maria parecia.
Aqui Viseu, que pois se diz vis eu, tendo eu chegado
Pelo menos, mal não está.

DOMINGOS

Gaiteira como sempre,
E as amo agudas.

D. RITA

(indo a ele, para o ver de perto, ainda com a luneta)

Já mandaste carta à minha amiga?

DOMINGOS

Se ela nos pagar, que esteja cá indício, até agora mudo
Da sua loucura. Que ultime eu a casa, por Dona Maria
Dando piso aos alicerces, só se enfadada do trato íntimo
Ânsias de espelho a levem a olhar de mim, e desgraçado
Esmero te faça a fachada da casa e o brasão meu, (que
O teu já mandei rasurar), e m'empoe, telhado com telha.
Pois a coração carcomido, ajuda fundos a enchê-lo
E que da vida remendo, corre sempre ele, ou lhe damos
Ou seca

D. RITA

Que fique, conteúdo e continente. Vou espiar.
Não vá a vizinhança ter buracos na estrada, e na parede.

Sai D. RITA, com a luneta a olhar para todo o lado

Entra MANUEL BOTELHO, estudante

MANUEL

Então aqui serão os alicerces meu Pai.

DOMINGOS

Se Deus quiser

É toda a terra coisa d'alevanto.

MANUEL

Eu aterrado ando.

DOMINGOS

Diz

Meu filho.

MANUEL

O Simão é um arremetido. Não o quero lá.

DOMINGOS

Educa-o, é teu Irmão. Sabes como é a semente humana
Que abre uma folha pequena dela, a casca abre ao meio
E sai um como tu comumente, calmo, e o outro ele
Furibundo.

MANUEL

Mas é da idade Pai, dá-se com má gente
E brinca com pistolas.

DOMINGOS

Com pistolas? Onde as arranja?

MANUEL

Na companhia, oh e mais outras coisas, que é Francês
O hábito da sua mente. Vai aqui está a pedir guilhotina;
Se não pode fazer dele faça a mim, e deixe-me Cadete.

DOMINGOS

Se te resolv'a ti, a tua mãe também é filha de cavaleiros.
Não sei que lhe fazer, as tuas Irmãs temem-no e fogem
Só a Ritinha não lhe morre de frio, e até a tua Mãe
Já lhe olha de lado, que ele gozou o fado do Caldeirão
Que lhe é família e morreu frito.

MANUEL

Não volto a Coimbra.

DOMINGOS

E o teu Irmão, já está cá em Viseu?

MANUEL

Veio comigo, Pai.

Saem TODOS, e entra um CRIADO, que entrando leva dois vasos nos ombros, e que vem fugindo, tomba para a frente, e caem em cacos os ditos, e então entram CRIADOS, a espancá-lo, que no alarido, se vê um carro numa boca, de onde SIMÃO arranca um fueiro, e os bate com grande jeito

CRIADO

Senhor Simão! Que foi fazer em meu nome!

SIMÃO

Botelho

Quanto bato nele. Foi acha de Dão João o meu fueiro.

Levanta-te que és da minha casa Criado, teu Senhor

Bateu quem te bate. Ao meu ombro aponta a casa

Que vou lá fazer mais dano.

Sai SIMÃO BOTELHO, levando o CRIADO ao ombro, e então ouve-se apito e alarme, fora, entra DOMINGOS e D. RITA e o MEIRINHO

DOMINGOS

É este o canho, Meirinho?

MEIRINHO

O sangue é da casa, o vaso do bolso.

DOMINGOS

E quem me desfez?

MEIRINHO

Diz a gente, que foi seu filho.

D. RITA

Não te zangues Domingos

Eu estou triste com ele, mas se o desfizeres ele nos foge

E não imaginas que desgosto é esse a uma mãe, olha ele

Aí vem, sê brando, faz isso por mim.

Entra SIMÃO, trazido por POVO que o agarra, e ele entrando, batendo-se faz com que o larguem, para estar digno ao Pai, mas então o ajoelham à força

DOMINGOS

Vou-te prender!

Filho de Corregedor, enrugando sentença à minha testa
Não tem outro remédio.

SIMÃO

O Pai faça como fizer, Senhora.

Mas se arder feito, não será monástico, solidão meu auto
E dado inferno, nas portas travessas que esmolos dão à sorte
Jogarei meu destino sempre, e o que de mim, a mim se pede.

DOMING

Vês o teu filho mulher, ninguém já o corrige ou mete medo,
Tem quinze, mas vive como se tivesse vinte. Tenta tu, eu
Desisto.

(a D. RITA vai e abraça o SIMÃO)

MEIRIN

E eu Senhora?

DOMINGOS

Tu podes ir, é desdém o mais que se dá
Quando não se castiga no corpo geração.

Que saiam TODOS, o SIMÃO levantando a D. RITA do chão, e aconchegando-a nos ombros, saindo primeiro, e o MEIRINHO mandando um do POVO varrer, e varrem dois ou três, os cacos

ATO 1

CENA 1

Entram ESTUDANTES, muito à volta do SIMÃO, que entra de casaco e mãos nos bolsos e palito na boca, muito cheio de si, como não dando os olhos a nenhum deles, e cuspindo

ESTU1

Conta Simão conta, dizem que partiste a cabeça a trinta?

SIMÃO

Trinta ou três não me faz diferença, mas sim a valentia
De ir e lutar pelo que é nosso.

ESTU2

Eu nunca acreditei trinta.

SIMÃO

Foram p'r'á'í uns dez.

ESTU3

Dez ouviste!

SIMÃO

(parando de súbito, eles param igual)

Com corpos grandes

Como homens casados e já com filhos. Eu conto conto,
Vá, para me deixardes em paz, que um soldado de Deus
Não se vangloria da peçonha humana, que jazente sangue
Lhe pingou à vontade. Mas erguendo a clava da bétula
Que descravei branca dum carro, Hérculo mil-cabeço
Num fueiro batizei a Hidra, tirania amolada pela justiça
Qu'um Criado meu era muito violentado no chão. Trovões,
Cada golpe meu, rodando anca e ombro, como faz jeito.

Reboando tardio mundo a cada golpe chibante, aqui
Nesta mão sentindo a cramalheira rachar, os imploros
Aguados a som cavo, e em caída derrota, rangendo
Bordoadas muitas.

ESTU4

E o teu Pai?

SIMÃO

O meu Pai é manso;
Faz nada. Mas agora que estais cá, deixai-me falar
Que como me vedes o mais bravo deste pombal,
(Que é bicho sem ninho e acasala p'r'à vida, e voa
Longe e direção sabendo), digo-vos que nosso vento
Aponta-nos a Paris.

ESTU1

Simão, já te avisaram dessas coisas.

SIMÃO

Mas eu não tenho medo. Que me vão fazer, que eu
Já não tenha vivido? Já não sou moço, a mesa comum
Onde parte Deus a hóstia ao prato, repele-vos presença
E comeis grãos do chão. Eu digo-vos, tomai a mão
E usai da coisa regicida!

Entram ARCHEIROS, com alabardas

ARCHEIRO1

Jacobino, que andais a dizer?

ESTU2

Ele só inventava Verdeais.

ESTU3

Estava só a contar histórias.

ARCHEIRO1

Que no-las conte, que somos gente velha e nós gostamos.

SIMÃO

Olhai estes, a achar-me que me botam terror. Destes,

Já toda a gente leu. Manda-chuvas mandados-cuspir

Sempr'à ordem de boc'àberta. Não pensais por vós?

(os ARCHEIROS correm a ele, e há desbarato logo, e ele é apanhado)

Saem ESTUDANTES, aproveitando que só queriam eles o SIMÃO

SIMÃO

O meu Pai é corregedor!

ARCHEIRO1

Que te desse a correção moço,

Agora vais tu é ao Reitor, que te dê o académico Retiro.

Saem TODOS, levando-o pelos ombros arrastado, que não segura os pés

E que entre DOMINGOS e a D. RITA

DOMINGOS

Ele está fora de controlo eu não te disse? Devia ter ido eu

E dado-lh'o probatum manifesto, que ele aprendia logo

Em vez disso, do meu bolso ao teu, mesada melhorou-o.

D. RITA

Não consigo imaginar o meu menino a passar fome.

DOMINGOS

Cinco

Inteiros meses, comerá na casota do cão, e não lhe falarei.

É a vergonha da minha vida, faz-me pouco fazendo tanto
Sou Senhor da lei, e filho do desvario.

D. RITA

Consegue libertá-lo?

Aperta-me o coração, ver parte de mim constricta.

DOMINGOS

Eu trago-o;

Como vai já perdeu o ano, terá sombras à reforma junto cá.

Saem AMBOS, e que apareça então nos lados opostos da cena duas varandas, e a meio como se fosse a rua, indo em frente, onde no andar de baixo tem então o rés do chão de cada, e na da esquerda, vê-se o brasão dos Botelho, e aparece à rua TADEU DE ALBUQUERQUE, vindo do fundo com uma bengala, dobrado

TADEU

(brandindo o punho ao brasão alto)

Incólumes colunas, feridas em coração vizinho! Ensaia,
Aqui um pobre voo, e contra os agouros antigos, Domingos
Um falso Corregedor, que dizem ter passado dois anos
Em Coimbra a sustento de flauta (que é como quem diz
Uma coisa que eu não digo agora, e leva à boca a boqueira
E o palmo à palheta), agora veio ser meu ajunto por azar
E hei de ver, que mais que uma rua nos separe o trilho
E nunca o veja eu no meu caminho, não vá o espadim
Gladiar-se furibundo, e cortar-lhe as pontas do bigode
Para me dar o lume. Os criados dele abusam os meus
O motivos litigantes (que não direi agora, não vá o eco
Destas ruas nuas dar-me desnudo), fazem-me dele contra
E justo azedume, remata esta vizinhança. Zebedeu,
Bartimeu, tirai-vos os milagres, e vinde cá poisar-vos
Debaixo desta alheia cama, que acorde cego e esquecido!
(cospe à porta da casa deles)
Que atirando não lhe chega esta espada, fique aqui a água

E faça rios de modorra entre-morte, e como Vulcão coxo
Tenha ciúme da mulher, o espelho o atormente, e morra.

*Que entre TADEU em casa, à porta direita, e então saia da porta esquerda DOMINGOS e
MANUEL, e aparece uma estribeira ao fundo, perpendicular à cena*

MANUEL

Ele é insuportável Pai. A mão mansa que lhe cobriu Deus
Fá-lo pálido, em quanto era antes sangue. Foi de Rosa,
A pano. E toco-lhe (como irmão faz, com o cotovelo
Nas costelas, que faça cócega e não doa), e nada me diz
Volta a olhar para o livro, e está intratável.

DOMINGOS

Manuel contigo

Nem p'r'ó bem nem p'r'ó mal.

MANUEL

Estou só a dizer.

DOMINGOS

Como está

Já lhe passou a burrice, que é idade e a idade tanto vem
Como vai. Até me dizem que anda com boa gente lá longe
E escolheu os que o visitaram na cárcere.

*Que entre da porta esquerda SIMÃO e D. RITA, e o primeiro beija a mão do DOMINGOS, e abraça
a segunda*

SIMÃO

Meu Pai eu vou.

DOMINGOS

Vai filho, não há maior lição que a prisão.

SIMÃO

Oh meu Pai,

E que é ela coração, não há maior livro que a paixão.

MANUEL

Está a ver Pai, o vagabundo virou convento.

DOMINGOS

Copiai-o.

Que saiam TODOS, os ditos para dentro os Irmãos ao longe, e quando o SIMÃO vai a sair lá no fundo na estribo com o Irmão, uma MENDIGA passa, e dá-lhe uma carta como de lado, pedindo esmola, mas na verdade dando, e então tudo ido, apareça em cima, no alpendre direito TERESA, e no esquerdo RITINHA

RITINHA

Estava à minha espera?

TERESA

Fugiu-me da última vez.

RITINHA

A mãezinha diz para não falar com gente daí.

TERESA

E que diz o Simão?

RITINHA

Diz tudo tão pouco, por si.

TERESA

És minha amiga Ritinha?

RITINHA

Tanto como meu Irmão

É amigo a si.

TERESA

Então falemos a palestra de meia-voz
Que se o meu Pai me apanha, faz igual ao teu a ti.

RITINHA

O meu maninho disse-me que estava com medo
Que um dia a agarraram da janela.

TERESA

Foi a Criada,
Mas ela gosta de mim. Há três meses que venho
E com gestos dou o coração ao teu Irmão. Um dia
Vou-to dar a ti, que serei tua Irmã também.

RITINHA

Isso,
(levando a mão à boca, e olhos baixos, um segundo, e volta)
Deixa-me feliz. Mas o mano Simão não vai parar
(levantando a voz)
De brincar comigo pois não?

VOZ

(feminina do lado esquerdo, ralhando)
Com quem falas Rita?

VOZ

(masculina do lado esquerdo, ralhando)
Onde estás Moça? P'lo terror tu me vais confessar!

Sai RITINHA, com medo da janela, e aparece DOMINGOS aonde ela estava

DOMINGOS

Olé! Rua madrepérola! Vá p'ra dentro, shó! Shó!

Sai TERESA, fugindo

DOMINGOS

(em grandes gestos, quase caindo do alpendre)

Azed' à bÍlis perdigoto, e deitá-lo-ei eu bardo a brado

Coçando bacamarte este catarro, num alto desabafo

S' abrir cabeça dessa janela parideira mais uma vez!

Entra TADEU, donde TERESA saiu

TADEU

(brandindo-lhe o punho, quase caindo igual)

Atordida e envergonhada apóstrofe! Desabrido demo

Maldito ministro da desordem!

DOMINGOS

(espantando, apontando-lhe)

Cuide galo dos frangos

E não teremos problemas.

TADEU

Não me bote terror Domingos

Que de si não tenho medos.

DOMINGOS

Então fique sem eles Tadeu

E comigos.

TADEU

(procurando dentor desembainha, picando-lhe o ar)

Ah!

DOMINGOS

(que não tem nada em si, mostra-lhe o dedo)

Ah!

Saem AMBOS, não destravando os olhos um do outro, e então do fundo da rua vê-se chegar numa estribeira ao fundo, de que sai BALTASAR COUTINHO, que vem vindo à porta direita

BALTASAR

S'a visse chamaria Sófocles Electra

Andreia, que esta Teresa que de Madre veio, pausa

Aqui no meu peito seu nome, e a própria coragem

Nasce brio em mim de ventre desejado, e qu'haja

Espetáculo ao imaginar, hei de enterrar num muro

Cenas parvas aos espaços e atos mimados aos tempos

E firmarei já hoje o meu casamento, com esta Filha.

E o resto, dependendo do quando. Bate Baltasar

Se não a história não anda.

(ele bate)

Teresa me é Calcuta,

E sou sombra sem a sua luz (não que a tenha visto,

Que venho cá fazer isso, e ainda não vi. Mas se sair

Como saem boas mulheres dos Pais ao contrário

Então pelo qu'este Tadeu é conho saia ela santa);

Entra TADEU de dentro, e fecha a porta atrás de si, e tira o chapéu o BALTASAR

BALTASAR

Não me deixa dentro?

TADEU

Ó meu rico Sobrinho, ouve

Entrar te deixar quero, mas tenho de te infomar

Que esta flor a levada não lhe deu altar, e à noite

O incenso dum outro galã a perfumou.

BALTASAR

Perfumou!

Com que espirro?

TADEU

Não já, a distância lhes impus eu
E o vento bufei, que não lhe tocasse, por si Baltasar.

BALTASAR

Era a pior coisa que me podia chegar, ser suja Prima
E eu por casar.

TADEU

Se lhe vier fria, é pela inocência pura
Mais justa nesta idade, meu bom Senhor. Ela sabe,
Que o seu Pai está quase de cama, e me faz o favor.
Eu chamo-a.

Sai TADEU, e entra TERESA, à rua

BALTASAR

Não consigo mais esperar Teresa minha!
O esperar mata-me, e como faz a flor ao caule, abre
Aqui no meu peito coração dando cor!

TERESA

Que me diz?

BALTASAR

Está disposta a ouvir-me?

TERESA

Que é aos olhos o sol disposto
E ainda assim cega de frente, pergunto-me se o sempre
Não vem mesmo mas de repente, Primo Baltasar.

BALTASAR

Oh, oh

Bem me disseram, ela é educada. Não se acanhe Prima
Dê uma volta comigo, faz bem às pernas abanar o sangue.

TERESA

Não é correto, ir longe do meu Pai.

BALTASAR

Ele não se ofendia.

Não vê Prima, os nossos corações unidos? Vim eu
Aliás, de longe Castro Daire, de propósito para lhe vir
E agora diz-me assim? Sou-lhe desagradável?

TERESA

O Primo

É amigo; mas exagera-lhe o sentimento e diz falsidade
Que não é a si que o meu peito se une.

BAL

Ou seja a Prima,

Aborrece-me?

TERESA

Muito o estimo, então.

BAL

Quem me disputa

Seja honesta.

TERESA

Parece inocente mas eu sei o que daí vem
Quando homem se deixa perguntar manso.

BALT

Oh Prima,

Manso não me diria que isso é assunto-corno, mas eu
Só quero saber, que lucro por ele, e mentir nos é dívida.

TERESA

Coração é mais forte que submissa vontade, Baltasar.

BALT

Tanto que desobedeça Pai?

(ela baixa a cabeça)

Oh! Abana a cabeça Prima

E baixa a vida, como cavala com tala, que num carreiro
Não se distraia! Mas são mudas de frase, corações pegos;
Corte-lh'o frénulo como se faz ao pássaro que cante.

TERESA

Não são só palavras!

BALT

Todos temos a nossa vaidade.

Se me toma como amigo confesse o seu segredo, ou
Nem para isso me quer?

TERESA

Ignorar magoa-o, imagine

O dizer.

BALT

Eu provo-lh'o imaginar, que já dentro a mim
M'invade todo o tipo de devassa desgraça. Digo-lhe
Um dia me provarei seu amigo, se a vir mal casada.

TERESA

Casada!

BALT

Com um mero jogador de pau, valentão falso
Pintassilgo, marreco, otário, papagaio, maçarico, e
Outras, que tiram o nome do insulto os animais.
(E não ao contrário, como a baixa laia pensa)
Olhe para si, falsificada do sangue por bombares
De querer alheio, não pense que fala com namorado
Infeliz em notícia. Que não dou valor a esse sucesso
Cuja afeição académica, de Coimbra é um brinquedo.
Não lhe faz vergonha, ele ser um ínfame vilão
Abarrotado em vinho, proclamando guerra a Deus
E aos Reis? Parece por vezes, no azar do nosso amor
Que escolhe pela perversidade o predileto.

TERESA

Que amo

Ignoro o que odeio, e contenta-me sabê-lo. Que afligir
Pelas menores coisas, de quem conosco está nada faz.

BALT

Eu dar-lhe-ei o auxílio à razão, e o meu amor vazando
Reformar-lhe-á as razões. E será seu Primo, Prima
Que a governará um dia. Não a enfado mais, Teresa.

Sai TERESA, a dentro

BALT

Que é meu sentimento puro o provo aqui, que podia ir
E chibar-me ao seu Pai (se me sentisse muito mau
E por gosto pior, sugerindo-lhe à pancada, se bom
Só a uma palmada (e que vendo bater, com a minha
Lá estendida ele batesse)), vou fazer aqui como manda
Deus nosso Cristo, e farei boa ação sem ninguém ver.
Que como se crê, trazem bons retornos bons fazeres;
E mais, amando esta filha como se fosse marido Pai
Não consegue viver sem ela, e lhe mete medo berrando.

Mas vai descobrindo passo passo amor, a adolescente
Que os parentes não lhes têm nada. E dessa prova,
Não lhe darei entrudo em nada, que é melhor burra
Sempre a mulher. E se chorando a quebrar lentamente
Disser ela, desistida ao espelho: estou morta, morta
Para todos os homens. E só ele (e si, Pai), me chegam
Posso deixar o ónus ao Pai da Família, depois sou eu.

Que haja PANO, ele metendo o chapéu, indo ao fim da rua

CENA 2

Que entre SIMÃO, com uma carta, abrindo

SIMÃO

Que novas me trazes Teresa, diz-me tudo que sinto
Aqui na minha mão a tua. Que vindo de ti até o inferno
Me sorri.

(lendo)

Que fizesse outra própria filha, meu Pai foi
E me dando a missa, deixou-me, dizendo assim
Que a minha felicidade é dessas que precisam de ser
Impostas por violência. E que o autor dos meus dias
Queria dar-me um rosto feliz nos últimos seus,
Ameaçando-me o que não fez (pois chamou mastratos
Ao que podia ter feito, se outro fosse), amaldiçoou-te
Por teres acordado o coração em mim. Disse dele
Que seria um marido excelente, e que não dissesse
Eu sacrifício à frente dele. Mate-me, mate-me! Disse
Que prefiro a violência que tudo acaba, que essa
Que tudo começa, e não caso. E então estou presa
No meu quarto, mas nos teus olhos tenho eu estado.
Quando vieres, vem pelo quintal, que te abro
Com esta mão coberta no teu beijo, o portão.

(esmaga a carta no punho)

Tenho de matá-lo. E ainda há pouco era tão feliz
Que o que mais me teme é ter de acabá-lo e fugir,
Pois quem pode viver com a desonra duma desfeita
E da sua ameaça impune?; que assim é, criando aqui
O fogo que me dá o frio, afrontoso esgravatar
Faz a mim como no toco, ardendo mas só dum lado
E o meu brio, une-se ao deste Baltasar, e pelo que tem
O meu perde, ou vira cinza. Tenho de alugar cavalo
E ir já. Não me darei o erro de reler que me acalme

Que estalando ao vento esperança como galho seco
Na lareira humana, amor passado queime, e eu vá
Movendo o nada sem novo sustento, se não do lembrar
Que não s'apague em faúlha o sopro do demasiado.

Entra ARRIEIRO, com um burro pelo arreio

SIMÃO

Porque não vai em cima dele meu Senhor?

ARRIEIRO

Pobre,

Já leva com o mundo às costas, também não gosto.

SIMÃO

Eu pago-lhe,

(despindo-se)

esta jaqueta de pele fina, e uma faixa

Que tenho de seda escarlata, se me levar posto nela

E me der casa em Viseu.

ARRIEIRO

Que empresa?

SIMÃO

Amorosa.

ARRIEIRO

A mais mortal por tanto.

SIMÃO

Teimosa como o burro

ARRIEIRO

É

Mula. Eu levo-o a um primo ferrador que lá tenho.

SIMÃO

(dando-lhe uma carta, que tira do bolso sua, e a jaqueta)

A uma mendiga.

ARRIEIRO

No maior canto de Viseu vivendo.

SIMÃO

(subindo à mula)

Sentindo já o hálitos dos beijos pensados, vamos

Vamos!; E que se ouça já instrumentos de sopro

Amores jogarem veias, e pancadas de coração

Sonharem, que visto alvoroço será Arrieiro, este

Dos encantos da vida, mais incógnitos mais angélicos

Que nada que nos é certo, alguma vez valha e dure?

ARRIEIRO

Eu cá não sei, mas vendo-o aí em cima, se calhar subo.

Saem AMBOS, o SIMÃO ajudando-o a subir a mula começa a andar sozinha, e o ARRIEIRO acaba deitado na perpendicular, de barriga para baixo